



TRECIO DA «UNTER DEN LINDEN» EM BERLIN

tão bello, declarou à tia que estava disposto a casar com a sobrinha d'ella.

A pobre velha estava louca de alegria; e o mesmo, porém, não se dava com a moça, que se lamentava, dizendo:

— Mas, minha tia, o que me ha de acontecer, quando o senhor meu marido descobrir que eu não sei fazer nada?

— Deixa correr o barco, respondia a velha, as Boas Almas que te tiraram de apuros não te abandonarão.

O casamento foi fixado para muito breve e a joven noiva, tendo presente n recommendação de suas protectoras, não se esqueceu de convidar as

No dia do casamento quando a festa estava mais animada, abriram-se as portas do salão e viram entrar tres velhas tão enrugadas e tão feias que todos ficaram espantados

Uma d'ellas tinha um braço muito curto, e o outro tão comprido que arrastava no chão; a outra era corcunda e toda torcida; a terceira, enfim, tinha uns olhos esbotucados que saltavam da cara, e eram mais vermelhos que um tomate maduro.

— Jesus Christo! disse o estrangeiro à noiva, quem são esses tres espantalhos?

— São tres tias de meu paé, ás quaes eu convidei para minha festa de núpcias.

O estrangeiro que era um homem bem educado, foi recebê-las e começou a conversar com ellas

— Minha senhora, poderá fazer o favor de dizer-me porque tem um braço tão comprido e o outro tão curto?

— Pois não, meu filho E' por ter fiado, fiado muito!

O estrangeiro estremeceu; depois dirigindo-se a uma outra velha e perguntando porque estava assim foda torcida, esta disse:

— Filho, fiquei assim de tanto bordar!

O estrangeiro ficou pensativo e dirigindo-se à terceira velha, quiz saber porque ella tinha os olhos tão vermelhos, tão esbotucados.

— Filho meu, foi por ter cosido, cosido muito, com a cabeça sempre curvada para a costura.

Ainda a terceira velha não acabara de fallar já o estrangeiro estava perto da noiva, á qual disse:

— Uha, minha mulher, vai já immediatamente queimar a tua roca, e o teu bastidor de bordar; põe em tuas linhas, tuas agulhas todas e atira-as dentro do poço, e toma bem sentido que eu não quero nunca vêr-te nem fiar, nem cozer, nem bordar.

Era o que faltava que ficasses tambem como estas velhas por tanto fiar, por tanto cozer, por tanto bordar!

Imaginem como a noiva agradeceu ás Almas Bem-feitoras a intenção milagrosa!

GUIL-MAR.

Seismando...

Deitado á sombra da mangueira olente
Em que dulficára o meu tormento,
Recordava o passado, indifferente,
Como o poeta procurando alesto...

E a vista erguendo então, mysticamente,
Sobre um nodoso e rustico rebento
Vejo pousado, deslumbrantemente,
Um insecto, gracil, amarelento...

Ah! se fosse de negro pontilhado,
Faria relebrar uma esperança
Em cada ponto negro, azevichado...

Pois traduzo, monótono e sósnho,
Na côr do bello insecto que descança,
A sotrana vereda em que caminho!

JOCELYN FRAGOSO.

A proposito das mulheres

(TRECOS DE ALPHONSE KARR)

As moças são educadas severamente em França e tratadas com as precauções que se costuma ter com os objectos frageis. De todos os sens desejos, de todas as suas liberdades, mesmo as mais innocentes, abandonam o exercicio depois do casamento, quando entretanto se casam para ficar livres, conforme é o desejo de todas.

Os homens, por seu lado, salvo o caso cada vez mais commum

em que o casamento não passa de uma associação de fortunas, só pensam no casamento quando se sentem saciados e fagueados. Julgam aliás que despozar uma mulher é o mesmo que conduzir pelo braço um dominó, em um baile de mascarar — pagar as despesas de outro — de sorte que uma vez atrelados ao jugo do hymineu, velho estylo, uma vez casados, dem-se os dois a puxar a carruagem em sentido inverso: a mulher vai e o homem volta.

Certos casamentos lembram o duello de dois senhores japonezes que, tendo se feito prender solidamente, um ao outro pelo braço esquerdo, começaram a esfregar-se, um o dorso, o outro o ventre de seu adversario inseparavel.

Antes do casamento procura, espiat, estuda, se pudesdes os defectos da mulher a quem quereis despozar; depois do casamento esforça-vos por não descobri-los ou não vel-os.

E' prudente ficar se apaixonado a primeira vista; uma bella mulher perde muitas vezes em se deixar conhecer o que ganhou em se fazer vêr: uma vez apaixonado, vossas descobertas não são perigosas; cada coisa que descobrides parecer-vos-ha mais um encanto.

Luiz XII dizia de Joanna de França que lhe causava alguns aborrecimentos: « E' preciso muito pagar a castidade das mulheres. » Muitas mulheres tem a castidade arrogante e rabugenta, essa virtude deusadada estreita as incommoda e as irrita; ellas não perdoam aos homens esta austeridade a que se sujeitam contra elles; pensam que esta qualidade as dispensa de todas as outras.

Quando os velhos fallam mal do amor parecem se com a rapoza da fabula — unicamente são elles que já não são verdes.

Quando os velhos, fallando do amor julgam-se muito sensatos porque julgam sem paixão, parecem-se com

um homem que se tornara cego e que pretendesse ter recobrado o seu livre arbitrio para julgar das côres sem parcialidade.

Augmentae ou diminui os obstaculos physicos, os obstaculos moraes augmentarão ou diminuirão em sentido inverso.

A constancia pertence á amizade e não ao amor. Effectivamente muitas vezes tendes amizade a uma pe soa, porque a conheceis bem, ao passo que dedicaes amor a outra, exactamente porque não a conheceis.

O amor que tem ares de durar toda a vida é aquelle que não foi senão a flor de que a amizade é o fructo. A rosa, essa festa dos olhos, embriaga nos com o seu perfume, mas não ficaes de modo algum obrigado a amar o fructo que lhe succede. Emquanto que depois de ter alegrado vossa vista e vosso olfacto com sua fresca côr e seu ligeiro perfume docemente amargo, a flor do pecegoeiro torna se um fructo delicioso.

O amor nasce de nada e morre de tudo.

Effectivamente tal mulher sacrificia tudo, nome, fortuna, reputação, etc., a um homem a quem em seguida deixa de amar, porque este cortou a barba, perdeu um dente ou calçou as meias as avessas, como o disse Chamfort.

A sabedoria e a experiencia que dão os annos me fazem pensar em um viajante que, a medida que dei xasse um paiz a que não mais voltasse, pretendesse ir estudando minuciosamente a geographia.

No amor ha quasi sempre um que ama e outro que é amado — como em uma relação em que ha um homem e uma perdiz. Um come e a outra é comida.

Unicamente é a perdiz que se deve comparar o que ama. Frequentemente cada um ama por sua vez e trocam-se os papeis. Emquanto o homem ama a mulher, ella ainda não o ama; o homem quando ella o ama por sua vez já elle não ama.

O amor é uma felicidade que é preciso pagar: o homem paga antes, a mulher paga depois.

Vibrações sympathicas

Collocae em cada uma das duas extremidades de uma peça tão vasta quanto possível dois diapásões montados, afinados pela mesma nota com as aberturas de suas caixas voltadas uma para a outra. Fazei vibrar um dos diapásões passando-lhe vigorosamente o arco. Depois quando algumas vibrações tiverem adquiredo toda a sua extensão, detei-os buscamente, applicando-lhe a mão

O som produzido, ha pouco, pelas vibrações deste diapásão, ficareis admirado de continuar a ouvirlo embora as vibrações ja tenham cessado; alguns segundos de attenção bastaria entreto para vos convencer que não procede da mesma fonte. E, com effecto, essas vibrações se communicaram ao outro diapásão, em que não tocastes. As vibrações desse diapásão proseguem sua innocente carreira e morrerão naturalmente, se o deixardes.

MOSAICO

Para uma mulher delicada, a mais seductora declaração de amor é o embaraço de um homem de espirito. — *Laténa.*

A mulher tem o segredo da seducção

*

A mais segura das faccéricas é a innocencia. — *Lumarline*

*

O amor não se impõe.

*

Deus fez a mulher de um sorriso.

*

Quando a mulher diz que não, está muito perto de dizer que sim.

*

Em um jantar intimo, na avenida Eylau, um dos convivas levanta-se para Copé e diz: « Victor Hugo, voltando-se para Copé que estava sentado a sua direita, diz estendendo amigavelmente o copo: »

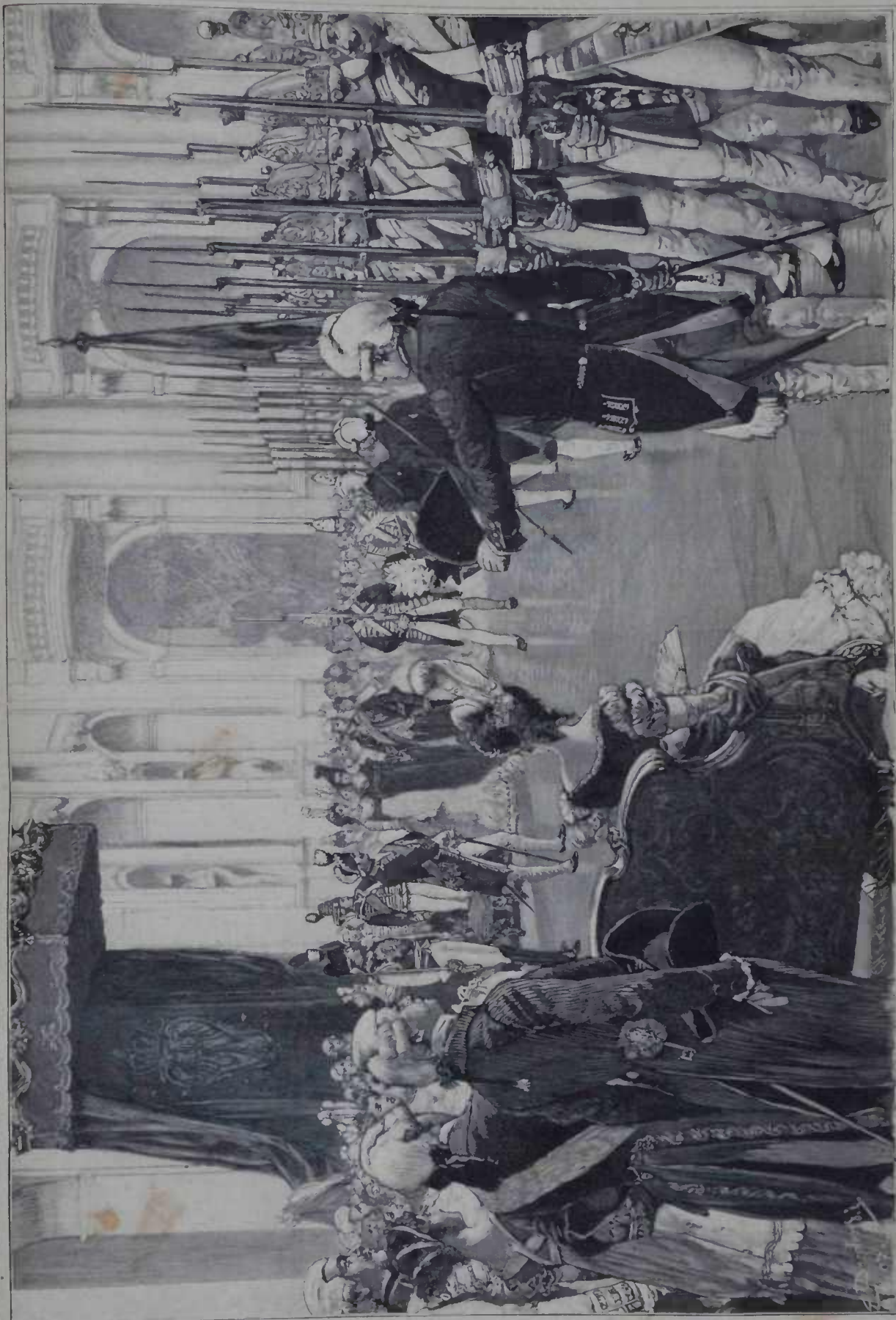
— E se os dois poetas aqui presentes beberem reciprocamente a sua saúde?

— Oh! mestre, respondi modestamente Copé, não ha aqui senão um poeta.

— E então eu, perguntou V. Hugo, já não entro na conta.



CARVALDO SECULAR EM UM CEMITERIO DA ALLEMANHA



FESTAS NA CÔRTE DE BERLIM POR OCCASÃO DOS FESTEJOS DO CENTENÁRIO DE GUILLERME 1º — TRAJES DO SÉCULO XIV

Forget me not

(A AUGUSTO CONY)

Quando a brisa oscular as flores da campina, o triste malheuer e o pallido jasmim; quando o sol irrisa a gota crystallina do rocto da manha — não te esqueças de mim!

E colhe aquella flor azul, pequena, agreste, que esmalta o verde prado e vive de manha, esquecendo esse dia em que, triste, me deste de tio formosa flor uma formosa irmã.

Segue depois alem... pensativa, sósinha, a ver tras irmãos — as flores do jardim; lê o teu nome escripto alli, n'uma folhinha do cactus verdolente — e lembra-te de mim!

Quando a noite descer sombria, lentamente, e o silencio reinar profundo, aterrador, se escitares o mar carpiu ligueiramente, recorda-te de mim, do meu ardente amor.

Mais tarde, quando o sol esplendido, brilhante, nas orlas do horizonte apparecer, enfim, relê minhas canções, o minha terra amante, e chora, chora sim, lembrando-te de mim!

THEOTONIO D'OLIVEIRA.

Ao longo de La Pele

O sol erguia-se deslumbrante, em todo o esplendor de sua magestade floral. No gabinete de trabalho de Phelippe Classant, desde o outomno, o riso da amada não mais quebrara o silencio dos livros e do estudo. Todas as coisas tinham adquirido durante os mezes de um prolongado luto, tào frio e tào sombrio, como o inverno defunto, uma especie de bizarro e enervante descuido para com os seus olhares. Vivos e indiscretos raios, penetrando, de repente, infundiam aos mais minusculs objectos uma vida nova e alegre, e o coração de Phelippe Classant despertava de sua melancholica lethargia.

Lentamente, como todas as manhãs, Alida empurrou a porta e veio sentar-se diante da secretária onde crevia o moço. Vestia de velludo sombrio, e sobre sua garganta delicada um *fichu* de rendas brancas desenhava arabescos simplesmente concebidos.

Era a primeira vez que Classant observava esta volta de garriuche encantadora. Essa rende clara ahlitava seu rosto um pouco pallido sempre e dava aos olhos profundos da joven um brilho descastratissimo.

Phelippe Classant levantou-se, aproximou-se de Alida, e tomando-lhe as mãos, depoz um longo beijo silencioso sobre a fronte de sua amada.

Longos momentos, encantado, um pouco commovido de achal-a mais bella que nunca, olhou para ella, respeitoso. Depois sua voz cantou doce, doce, quasi imperceptivel:

Como estás bella, querida, esta manha! Teu sonho de creza eleva definitivamente teu pensamento. Teus olhos claros teu timo sorriso, me dizem que tornaste a encontrar o prazer e que o teu luto morreu...

— Oh! este sol, murmurou ella de subito fixando as pupillas muito brilhantes sobre o deslumbramento d'ouro das janellas abertas.

— Não é mais nosso quarto, claro amigo; está tào resplandecente aqui e tatos perfumes embriagam e ar plácido!

— Tu revives, tu tornaste a achar tua alegria e tua incomparavel ternura... Elle apertava a mais forte, como se fosse a primeira vez que sentisse o amor apertar todos os seus sentidos, e elle juntou uma lagrima aos dois diamantes que se prendiam á corolla pallida de suas faces.

— Este sol! é a vida nova com que brilha a aurora, é teu coração que desperta suas pulsações com as pulsações de toda a natureza.

Ella sorrio, sem nada responder e apertou Philippe Classant fortemente contra sua carne que tremia. Possa a chalar, assim como um passaro contemplando, acima da balastrada da janella, as aves se perseguirem-se e a beijarem se nos ramos tremulos das grandes arvores do parque.

— Despozemo-nos de todo nossa ultima vida, amada Alida. Vamos ao longe, hoje, muito ao longe, aos bosques e aos campos verdejantes e magnificos, para começar sob o céu azul do paiz preferido e entre o concerto de todas as coisas renascentes, nossa existencia definitiva e cheia de felicidade...

A's duas horas, o *aval* os depunha no centro da aldeia de Delbecki, no fundo do horizonte, a larga estrada de Ninove entrava-se debaixo de uma ogiva de follagens, brunnos pela distancia. Lavradores, nas campinas esmaltadas de flores multicores, cantavam e dir-se ia que as espigas vermelhas e os ramos dos arbutos dos cercados, estendiam seus longos pescocoços para essas vozes harmoniosas, no grande silencio cheio de sol.

Meandoso, o caminho corria, gravados por bellas sulcos irregulares, onde sobre o reborde, cresciam hastes de cardos e de ortigas.

Nos vergeis, sobre os troncos torcidos das macieiras e das pericias luxuriantes, varcas novas pa savam detendo seu olhar indolente sobre o voo de algum pombo bravo, aventureiro.

Herdades, imponentes, copiosas, ostentavam aqui e ali suas construeções antigas, de ambos os lados de uma porta-construeção immensa, feita, parecia para dar

passagem a ajonjos que trouxessem toda a colheita do paiz.

As filhas de espinheiro bravo estavam em plena florescencia, e os ramos vergavam ao peso de grossos *bouquets* de neve, muito branca sobre o fundo negro das culturas.

— Flores, flores! Quero flores, Phelippe, quero um grande *bouquet*, assim.

E ella abria os braços em um gesto ingenuo, dilatando sensivelmente as marmas ao perfume nas corollas sem e nta.

O caminho cheio de sol assemelhava-se a uma estrada de ouro encerrada em um escripto de neve.

Alida aproximou-se dos massigos de espinheiro e, tomando um dos ramos, tentou arrancal-o. Com a sacudida, destacaram-se pétalas, e durante um segundo foi sobre o vestido sombrio uma chuva de borboletas brancas.

— Mas, longe, não fuças isso! Tu estás louca, tu és uma loquinha! Tuas lindas mãos vão arrancar-se nos espinhos dos ramos... Olha, má, o que fizeste, já... E mostrava lhe sobre o braço n'uma gottasinha de sangue, immovel e bella, como um rubi. Com um beijo apagou o traço de sangue; e de novo elles caminharam, ella um pouco arrufada, elle com olhos presos ao roseo semblante d'ella.

— D'aqui a pouco, quando estivermos prester a partir, então as flores não mais te embarcarão. Contemplamol-as e aspiremos todos os seus olores.

Atravessaram Ittebeck, girando em volta do antigo muro do cemiterio e empenharam-se pela estrada de *Pede-Saunte-nne*. Na aldeia os martellos da forja cantavam sua costumada canção e as pás do velusto moinho fazia espumar com ruido a onda movimentada do regato.

O caminho seguia o curso d'agua mürmuo e chocalheiro, entre as parallelas de altos choupos seculares que inclhavam irregularmente seus cimos, muito perto do céu para as heivas das pastagens. No horizonte, por traz da mancha, harmoniosamente colorida dos bosques e *bouquets* de arvores, surgiam campanarios de formas diferentes que pareciam se saudar, chamando-se uns aos outros por sobre as planicies. Os dois caminhavam sem nada dizer, ouvindo as palavras das cascatinhas que diziam tudo quanto ellas poderiam diz.

Agora apparecia Sainte-Grerude lá embaixo, com sua torre quadrada no centro dos tectos de colina e de telhas vermelhas. Alguns filetes de fumo allongavam até a aldeia os perfis das nuvens claras. Era uma paisagem de uma belleza intima e mais ao longe viam-se rapazes jogando bolas com gestos tomados emprestados a personagens de Steen, e de Adrien Bower.

A Pede fazia uma volta, afastava-se do caminho, descrevendo um arco por traz de uma cabana rechonchuda, meio occulta por uma fila de espinheiros. Alida deteve-se de novo e d'essa vez a impaciencia velou suas palavras febris.

— Flores, flores! Em breve já não haverá e não teremos um *bouquet* para encher o nosso quarto com todo o perfume d'este bello dia.

Phelippe consolou-a com um beijo e quebron pensamente um dos ramos pesados de corollas. O lindo nariz de Alida, de azas palpantes, acariçou as pétalas e, sobre sua carne, o pollen deixou pontos de ouro.

Tres meninos appareceram de repente e sem dizer palavra penetraram no massigo afastando as folhagens, escolheram as mais bellas e mais brancas, arrancaram n'as sem que soffressem mal algum com os espinhos offensivos, e empurrando-se uns aos outros, correram ao encontro da moça, disputando-se quem seria o primeiro a offercer seus flores.

As carinhãs espietas dos pequenos traquinas fez rir a Alida surpresa. Atravez das flores beijou a todos, ternamente como se fossem seus jovens irmãos. Phelippe Classant deu-lhes algumms moedulhas que elles miraram curiosamente e que fizeram desaparecer no fundo das albeiras luzentes de seus capoeços de burel.

N'esse momento, uma creança, mais nova e menor que as outras, adiantava-se, arrastando tamarcos minusculos e erguia acima da cabeça um cordel cunco de canhano. A rendeira o empurrava docemente para Alida; quando chegou perto d'ella, apresentou-lhe o cordel com o qual Classant prendeu os ramos de espinheiro. E longamente a moça beijou o petiz louro, que, intimidado gesticulava, gritava, occultando o rosto enegrecido sulcado de lagrimas, entre as mãos rechonchudas. Apenas recebeu a sua moedinha, deitou a correr cou todas as forças de suas pernas, ba tendo com os tamarcos sobre a terra secca.

O sol descia no céu. Os jovens sentaram-se sobre o rebordo da estrada em face do bosquezinho de freixos que occulta a aldeia de Schepdael. O crepusculo allonga a as sombras de Phelippe Classant e d'Alida, e por traz das arvores dir-se ia que o sol se fundia em cadinhos de crystal.

Passou um campinho, tirando fumaçalhas de seu canilho á cadencia de seu passo rustico; reconhecendo-os disse-lhes, bons dias, levantando o gorro.

— Olha Phelippe, exclamou ella, mostrando uma linda lagartinha que se arrastava ao longo de seu vestido...

— Deixa, deixa, querida disse elle, enquanto ella fazia o gesto de repellar o insecto que se adelantava.

Terás um vestido novo, ella está tomando medida de um vestido novo...

A lagarta admittou-se, passou-se para o corpinho e deteve-se tremula junto do pescocoço.

Ves, Alida, tu es feliz, *filha* te tonon medida. Terás uma linda *vestite*. Tu luto está morto... Amanhã terás um vestido claro como a primavera

Delicadamente ella apañou a lagarta, lançou-a no meio de seu *bouquet* e disse esquecendo-se de repente: — Amanhã, terai um vestico claro, um vestido verde como esta linda lagarta e avelludado como as ternas verduras...

A tarde tinha cahido inteiramente e aqui e ali, no campo, as janellas das cabanas illuminavam-se e brilhavam como grandes olhos sympathicos.

SAMER PIERRON.

Moldes Cortados

ESTACÃO DE 15 DE JULIO

N. 61. Corpinho 1.000.
N. 65. Manga. 5.00 reis.
Pelo correio mais .00 rs.

DENTES ARTIFICIAES

ESPECIALIDADE DO

DR. SÂ REGO

1, Rua Gonçalves Dias, 1

(Vide o annuncio da casa na capa deste jornal)



LEGRAIN

Rua Saint-Denis, Nº 195-197

PARIZ

Os Colletes Legrain são notaveis por sua elegancia verdadeiramente parisiense, tem uma forma admiravel, nunca são nocivos.

HOUBIGANT

PERFUMISTA

da RAINHA de INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

PARIS

AGUA HOUBIGANT

SEM RIVAL PARA O TOUGADOR

AGUA de TOUGADOR com Heliotropio branco.
AGUA de COLONIA Imperial Russa.

EXTRACTOS PARA O LENÇO: Violetta San Remo, Lilaz branco, Heliotropio branco, Pison d'Espagne, Moskari, Muguet, Bouquet Imperial russo, Hoa-Rosa, Corylais, Clozina, Elenas, Sophora, Aronia, Violetta russe, Trevol, Jasmim d'Espagne, Eblweiss, Lilas de Perse, Mimoso.

SABONETES: Ophelia, Pena d'Espagne, Violetta San Remo, Fougere royale, Lait de Thiridace.

PÓS OPHELIA, Tal-stano de Belleza.

PÓS PEAU D'ESPAGNE.

LOÇÃO VEGETAL para os Cabellos.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI



HOMENAGEM
A
HENRI GUSTAVE LOMBAERTS
FUNDADOR DO JORNAL DE MODAS
"A ESTAÇÃO"
Fallecido em 9 de Junho de 1897



Henrique Lombaerts

No piedoso intuito de honrar a memoria do grande Amigo que, faz hoje um mez, nos foi arrebatado pela morte, publicamos neste supplemento, que será distribuido aos assignantes da *Estação*, o periodico que elle fundou e que tanto lhe deve, não só o seu retrato como alguns artigos dos escriptores que o conheciam mais de perto e sinceramente o estimavam.

Esta singela mas significativa demonstração de respeito e de saudade é a evidente prova de que Henrique Lombaerts só deixou amigos e admiradores naquelles que o substituíram na tenda de trabalho erguida pelo seu esforço e pela sua honra.

9 de Julho de 1897.

A. LAVIGNASSE FILHO & C.

Henrique Lombaerts

Durante muitos annos entretive com Henrique Lombaerts as mais amistosas relações. Era um homem bom, e bastava isso para fazer sentir a perda d'elle; mas era tambem um chefe cabal da casa herdada de seu pae e continuada por elle com tanto zelo e esforço. Posto que exteriormente, nunca deixou de ser o mesmo homem de trabalho. Tinha amor ao estabelecimento que achou fundado, fez prosperar e transmittiu ao seu digno amigo e patente actual chefe. A *Estação* e outras publicações achavam nelle editor esclarecido e puntual. Era desinteressado, em prejuizo dos negocios a cuja frente esteve até o ultimo dia útil da sua actividade.

Não é demais dizer que foi um exemplo a vida deste homem, um exemplo especial, porque ao esforço continuado e effiz, ao trabalho de todos os dias e de todas as horas não juntou o mundo exterior. Relativamente existiu obscuro; o tempo que lhe sobrava da direcção da casa era dado á esposa, e, quando perdeu a esposa, ás suas recordações de viuvo.

MICHAEL DE ALMEIDA.

Henrique Lombaerts

No ultimo supplemento litterario da *Estação* estive a seguir estas palavras:

«No momento de rever as provas do meu artigo, recebo a dolorosa noticia do fallecimento de Henrique Lombaerts. A sua divisa foi «Honra e Trabalho». Era um excellento amigo e um cavalheiro finissimo, que se me uo bem durante a sua vida intella, e não deixa um unico desaffecto. Paz á sua alma generosa e grande.»

No dia seguinte ao do fallecimento, molhei a penna com lagrimas para escrever, nas columnas do *Paz*, a necrologia do meu inolvidavel amigo.

Que mais poderia dizer de Henrique Lombaerts n'estas paginas affectuosas, commemorativas do seu desajustado?

Elle soffreu, amou e trabalhou.

Soffreu moralmente, vendo cahir um a um, como as folhas de um arvoreto morto, todos os membros da honrada e laboriosa familia

de que era o derradeiro e unico representante; soffreu physicamente, porque durante os seus ultimos annos de existencia foi martyrisado por uma enfermidade cruel, e afinal vencido pela morte n'uma longa e cruciante agonia.

Amou, porque nenhum coração humano pulsou com mais vehemencia que o seu; jamais houve esposo mais solícito: nenhuma outra mulher foi adorada como aquella infeliz senhora, que o precedeu na eterna viagem, e cuja figura, resignada e meiga, me é grato recordar n'este momento.

Amou, porque a maior satisfação e o maior orgulho da sua alma era mitigar padecimentos e attenuar misérias sem que ninguém o soubesse; amou, porque a sua natureza, melindrosa e sensível, fechava-se a todos os sentimentos de maldade.

Nas suas ultimas disposições transparece um sublime cuidado pelo futuro de crianças que não eram suas mas constituíam o unico encanto dos seus dias saudosos e amargurados.

Trabalhou, accrescentando o honrado e pequeno patrimonio com que entrou na batalha do mundo, e levantando uma casa que occupou sempre o mais distincto logar no commercio do Rio de Janeiro, estabelecendo officinas que honram o país, servindo a industria brasileira, fundando, a par da *Estação*, que soube elevar a grande altura, algumas revistas litterarias que afrontaram a criminosa indifferença das massas, e só desapareciam quando elle se capacitava de que era um sacrificio inutil tentar alguma coisa em favor das lettras nacionaes.

Assim, soffreu, amou e trabalhou. Essas tres palavras resumem toda a biographia de Henrique Lombaerts, toda a historia dos seus 52 annos dignamente vividos.

ARTHUR AZEVEDO.

Henrique Lombaerts

Henrique Lombaerts era um desses lectores de sangue frio, calmo, reflectido em todos os seus actos, consciente da propria força, certo de que a victoria nunca deixa de coroar os esforços dos que perseveram e dos que lutam.

Reservado na apparencia, sem timidas explosões de enthusiasmo no passageiro, que de ordinario traduzem apenas um temperamento versatil, caracter pouco firme, tudo quanto planejava, levava a effecto, com a calma dos que possuem o methodo do trabalho.

Era uma individualidade educada nos principios severos do grande pensador inglez Samuel Smiles.

Diversas foram as suas tentativas para fundar nesta capital uma folha exclusivamente litteraria; por varias vezes tentou despertar este publico e offerencia-lhe um mimo de subido valor, o ultimo dos quaes foi o *Albino*.

Via, porem, sempre com o mais profundo desgosto que estava em um meio exclusivamente commercial, um meio refractario a toda e qualquer manifestação artistica.

Nunca desanimou, entretanto.

Ainda pouco antes de morrer, já subjugado pela inexoravel e terrivel molestia a que veio succumbir, pensava em melhorar consideravelmente a sua querida *Estação*.

Queria a ainda mais factiva, mais garbada, mais seductora.

Desejava tornal-a uma folha verdadeiramente artistica, com todos os requisitos do mais apurado periodico illustrado do mundo.

E, certo, realisaria os seus sonhos, se tão cedo não fosse arrebatado d'entre os vivos, ainda moço, em pleno vigor, forte e encorajado para a luta.

A sua existencia trabalhosa, fatigante, devia acabar, como acaba a de todos os lutadores

Morreu por excesso de esforços, por plethora de trabalho.

O coração resentio-se de tanta fadiga e vingou se, matando-o.

Repito: A *Estação* devia esta homenagem p'stuma ao seu chefe, ao seu fundador: porque enquanto ella existir, nunca poderá esquecer o nome d'aquelle a quem tudo deve.

E o seu exemplo, o seu fecundo ensinamento continuarão a ser os alicerces da prosperidade e prestigio desta folha.

OLIVEIRA F SILVA.

Henrique Lombaerts

Henrique Lombaerts occupa lugar proeminente, n'este seculo, em a historia da litteratura brasileira; pois, entre os poucos editores que, com a maior largueza de vistas, concorreram para o enriquecimento da nossa bibliographia, pode elle ser apontado como um dos maiores credores à gratidão de nos outros escriptores.

Si como B. L. Garnier, e os dois irmãos E. e H. Laemert, editou trabalhos de merito real, como Belarmino de Mattos e Paula Brito procurou, com o maior esmero e sacrificio, dar as suas edições toda a belleza graphica, e não raro até—o mais apurado cunho artistico.

Effectivamente, foi um benemerito das nossas letras; e si o industrial era operoso e o editor honesto, o homem era merecedor de todo o respeito e sympathia.

Nobre e bello coração, a sua passagem entre nós não foi como a saravada, que queima e esterilisa, mas como o rocio, que refrigera e vivifica.

DR. PIRES DE ALMEIDA.

Henrique Lombaerts

Sou dos que podem dizer o que foi em vida o activo industrial, a quem a sorte cruel, depois de ter arrebatado parte de sua alma, sua esposa estremecida, fiel e dedicada companheira das suas lutas, prostrou em um leito de dores physicas, que mais depressa deviam abatel-o para sempre, quando ainda era bastante vigoroso de corpo para resistir ás dores moraes e tão bons serviços continuar a prestar a sua segunda Patria.

Sou dos que podem afirmar quanta perseverança patenteou o intelligente e modesto editor, a quem devo grande parte dos successos de alguns emprehendimentos scientificos.

Ao desinteressado Henrique devo a publicação, durante dez annos, do jornalzinho a *Mãe de Família*, periodico destinado à propaganda dos costumes de hygiene da infancia e educação da familia, de cuja fundação tive idéa, quando em as officinas typographicas do mesmo pranteado amigo se imprimia a *Tribuna Pharmaceutica*, da qual era eu um dos redactores.

No seu jornal a *Estação*, que não era simplesmente um jornal de modas, porquanto no supplemento creado por elle, trabalhos litterarios e scientificos foram publicados por illustres escriptores, tive tambem a fortuna de collaborar.

A publicação que fundei e dirijo, o *Anuario Medico Brasileiro*, sahiu das suas officinas e foi por elle editada.

Outros trabalhos de minha lavra do mesmo modo foram gentilmente acolhidos pelo laborioso editor, a quem me ligavam cordiaes sentimentos de estima que nunca esquecerei; e deixando aqui estas linhas, sirvam ellas de pallida expressão da homenagem que tendo a sua memoria.

DR. CARLOS COSTA.

H. Lombaerts e a « Estação »

A homenagem da *Estação* à memoria veneranda de seu fundador era um dever que se impunha, era uma obrigação que decorria fatalmente do seu estado de prosperidade franca e desasomburada.

A *Estação*, destulpen-nos os leitores essa explosão de justificado orgulho, tem o seu logar marcado na imprensa do Brasil.

E esse logar conquistou-o ella, lentamente, tenazmente, a travez de mil difficuldades, vencendo formidaveis obstaculos.

Era preciso que o timoneiro não esmorecesse no governo do barco.

O mar não se apresentava borrascoso; tinha, pelo contrario, a impassibilidade das grandes calmarias podres. O vento não soprava e ás vezes as velas cahiam ao longo dos mastros.

— Ha de se encontrar mais tarde ou mais cedo a corrente bemfazeja que nos levará, folgadoamente, ao ponto almejado.

Assim reflectia o timoneiro, paciente e perseverante.

A indifferença do publico é muito peor que o seu odio, ou mesmo a sua condemnação.

Mil vezes lutar, porque no fim o vencedor impõe-se.

Quando se tem, como rival, a frieza do desprezo, a luta torna-se impossivel.

Henrique Lombaerts, o fundador desta folha, lutou, lutou tenazmente, porfiadamente, em um meio pouco apparellhado para publicações de certa natureza.

Era uma novidade uma folha de modas nesta terra; era preciso, portanto, que uma publicação de tal natureza se impuzesse.

Mas quantas difficuldades não seria preciso remover para chegar ao fim almejado!

Elle, porém, chegou!

E ahí temos hoje a nossa folha, prospera, feliz, acceita de Norte a Sul, bafejada peia franca protecção publica, sem receios pelo presente, sem preoccupações pelo futuro, desafiando competidores, tranquilla e forte na certeza de que não poderá ser vencida.

E a *Estação* é obra de Henrique Lombaerts.

Foi elle quem a reou; foi elle quem a fortaleceu; a ella dedicou a sua actividade, os seus carinhos, até vel-a no ponto em que actualmente está.